

O TEATRO DO OPRIMIDO COMO POSSIBILIDADE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MARCEL CAVALCANTE DE SOUZA

Colégio Pedro II
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Endereço: Campo de São Cristóvão, 177
2º Andar sala 204-B
São Cristóvão
Rio de Janeiro/RJ

e-mail: cavalcantedesouza@gmail.com

RESUMO

Pensar e concretizar uma educação que contemple diversos aspectos característicos do mundo e do momento em que vivemos, com certeza não é tarefa simples. Diante de tal perspectiva, pensou-se o Teatro do Oprimido (TO), como possibilidade de intervenção pedagógica nas aulas de educação física escolar, pois que, para além das questões corporais trazidas por tal atividade, há também uma diversidade de abordagens possíveis no sentido de uma educação transformadora. Para que se possa ampliar nosso olhar, procuraremos pontos afins entre o pensamento de Augusto Boal (criador do TO) e o de diferentes autores(as) que tratem as questões da Educação sob uma ótima humanizada. O objetivo deste trabalho é apresentar o Teatro do Oprimido (TO) como alternativa viável, enquanto intervenção pedagógica, a ser contemplada pela Educação Física Escolar. Interessante ressaltar, que embora o TO trate de assuntos sérios e densos, sua abordagem pode ser extremamente lúdica, prazerosa e pode trazer leveza tanto para a aula, quanto para as relações interpessoais. Um dos principais motivos que levaram à escolha do TO, foi a percepção do quanto os pensamentos de Augusto Boal se afinam com os de Paulo Freire e de outros(as) autores(as). Encontrar tais afinidades nos discursos e na escrita de cada autor ganha importância ainda maior, quando conseguimos transpor para nossa prática pedagógica, atitudes necessárias e coerentes com o compromisso enquanto educador. Não há dúvidas de que, mais do que indagar se é possível ou não pensar numa educação para a humanização do ser através do uso do TO, é perceber o quanto crescemos no decorrer de toda essa aprendizagem.

Palavras-Chave: Teatro do Oprimido; Educação Física Escolar; Educação Humanizada.

ABSTRACT

Think about and implement an education that takes into account various aspects of the world and the time in which we live, certainly is not a simple task. Faced with this prospect, it was thought that the Theater of the Oppressed (TO), such as possibility of pedagogical intervention classes in physical education at school, because that, in addition to the bodily issues brought by such activity, there is also a diversity of possible approaches toward a transforming education. To be able to enlarge our gaze, we related points between the thought of Augusto Boal and the different authors who deal with the issues of Education under a great humanized. The objective of this work is to present the TO as a viable alternative, while pedagogical intervention, to be covered in the School Physical Education. Interesting to note, that although the TO treat serious matters and dense, their approach can be extremely entertaining, enjoyable and can bring lightness both for the classroom, and interpersonal relations. One of the main reasons that have led to the choice of TO, was the perception of how the thoughts of Augusto Boal if will tweak with the Paulo Freire and others authors. Find such affinities in speeches and in writing of each author wins even more important, when we transpose to our pedagogical practice, attitudes necessary and consistent with the compromise as an educator. There is no doubt that, most of which ask whether it is possible or not think of an education for the humanization of being through the use of the TO, is to realize how much we have grown in the course of all this learning.

Key Words: Theater of the Oppressed; School Physical Education; Education Humanized.

O TEATRO DO OPRIMIDO COMO POSSIBILIDADE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Introdução

Pensar e concretizar uma educação que contemple diversos aspectos característicos do mundo e do momento em que vivemos, com certeza não é tarefa simples, muito menos, possível de se resolver de maneira isolada ou reducionista (MORIN, 2011).

Diante de tal perspectiva, pensou-se o Teatro do Oprimido (TO), como possibilidade de intervenção pedagógica nas aulas de educação física escolar, pois que, para além das questões corporais trazidas por tal atividade, há também uma diversidade de abordagens possíveis no sentido de uma educação transformadora, que problematize situações opressoras do dia a dia na escola pública, em especial uma que se localize na comunidade do Rio das Pedras¹ – fator que por si só traz um enorme diferencial em termos de diversidade cultural.

Além disso, o TO traz consigo, através da fala de Boal (1980), outro conceito muito importante, que é o entendimento de que toda atividade humana é atividade política. Neste sentido, a escola não poderia ficar de fora:

Para a efetivação dos vínculos entre a escolarização e as lutas pela democratização da sociedade, é necessária a atuação em duas frentes, a política e a pedagógica, entendendo-se que a atuação política tem caráter pedagógico e que a atuação pedagógica tem caráter político (LIBÂNEO, 2013, p. 36).

Para que se possa ampliar nosso olhar, procuremos pontos afins entre o pensamento de Augusto Boal (criador do TO) e o de diferentes autores(as) que tratem as questões da Educação sob uma ótica humanizada.

Tal ação visa levar aos educandos novas possibilidades corporais que estejam atreladas à aprendizagem significativa, onde possamos, além de experimentar: refletir, problematizar e dialogar sobre nossas corporeidades, bem como sobre situações do dia a dia escolar, que envolvam qualquer tipo de opressão apontada pelos educandos - uma vez que o TO, assim como a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1987), parte do discurso e dos conflitos apontados pelos sujeitos (BOAL, 1980) – bem como possíveis situações identificadas pelo educador. E que todo este processo possa acontecer de forma lúdica e prazerosa para todos – educador e educandos.

O objetivo deste trabalho é apresentar o Teatro do Oprimido (TO) como alternativa viável, enquanto intervenção pedagógica, a ser contemplada pela Educação Física Escolar e em especial, no contexto da escola pública.

O Teatro do Oprimido

Embora tenha nascido com este nome no exterior, segundo o próprio Boal², podemos considerar o TO como uma atividade brasileira, uma vez que sua gênese se deu em nosso país, quando o diretor fazia parte do grupo Arena de teatro, em São Paulo.

A primeira técnica criada chama-se teatro Jornal e consistia, na época do Arena, em meio à Ditadura Militar, nos atores pegarem as principais notícias do dia e transformarem em cenas, mas mostrando ao público o que estava por de trás daquelas notícias – que ainda

¹ Comunidade onde atuo como professor de educação física e Karatê, há dez anos.

² Vídeo: “Augusto Boal” <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw> (por volta dos 6:30 min)

como hoje, estão ‘encharcadas’ da ideologia dominante e de uma visão burguesa de mundo (BOAL, 1980 e SANCTUM, 2012).

Diante de tal cenário de repressão, Boal, depois de preso e torturado, é ‘convidado’ a exilar-se, com a informação (recebida em forma de conselho por um militar), que no Brasil não se prendia duas vezes a mesma pessoa. Na segunda provavelmente ele não sobreviveria, então era melhor sair do país (BOAL, 2014).

Desta forma, ele começa sua ‘peregrinação’ pelos países da América do Sul e conforme percebe que o cerco da ditadura – que além da repressão no Brasil, aliava-se a agentes americanos e de outros países, de forma que quem estava exilado não se sentia seguro por muito tempo – vai mudando de moradia. O interessante é que ao invés disso retrair artisticamente a Augusto Boal, mesmo fugindo, em cada país que passava, criava – ou associava-se a – um grupo de teatro popular, sempre procurando partir das opressões e problemáticas vividas pelos oprimidos, pelo povo (BOAL, 2014).

Houve um período de seu exílio em que esteve na Europa. Sua última estada antes de retornar ao Brasil, foi em Paris, França, onde de fato se concretizou o que hoje chamamos de TO. Lá ele inicia o primeiro núcleo de Teatro do Oprimido. Ainda assim, é inegável que as técnicas, os jogos e até o amadurecimento de suas ideias, foi se dando com as contribuições de cada país por onde passava e de cada povo em que Boal esteve receptivo a aprender sobre sua cultura e seus valores. (LIGIÉRO, 2013). Talvez esse seja um dos motivos pelo qual o TO, ainda hoje, tenha uma aceitação tão boa por todo o mundo. Claro que o fato de vivermos num planeta onde as opressões ainda são largamente presentes, também contribui para esta aceitação; mas da mesma forma que Boal não se rendeu - não ficou imóvel enquanto fugia - os oprimidos dos diversos pontos do globo também não se rendem à opressão. E o TO veio como um instrumento valioso de luta e libertação.

Vendo o mundo além das aparências, vemos opressores e oprimidos em todas as sociedades, etnias, gêneros, classes e castas, vemos o mundo injusto e cruel. Temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. Mas cabe a nós construí-lo com nossas mãos entrando em cena, no palco e na vida (...) Teatro não pode ser apenas um evento – é forma de vida! Atores somos todos nós e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma (BOAL apud LIGIÉRO, 2013, p. 39).

Em 1986, Darcy Ribeiro – então secretário de educação do Rio de Janeiro – convida Boal a voltar ao Brasil para que juntos, pudessem inaugurar um novo momento na educação brasileira (SANCTUM, 2012). De início eles instituíram a Fábrica de Teatro Popular: trabalho que era feito nos recém-inaugurados CIEPs, tendo como multiplicadores os animadores culturais. Na mudança de gestão do governo do estado, o projeto encerrou-se. Diante disso, alguns animadores – agora Curingas³, já fortemente instrumentalizados com as técnicas do TO trazidas por Boal – sugerem ao mesmo, a criação do Centro de Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro (CTO-Rio), como forma de dar continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido (TURLE, 2013).

³ Curinga é a pessoa que vai mediar, as relações, os exercícios, os jogos, fazendo as provocações e aproximações com o público no decorrer dos espetáculos – público que deixa de ser espectador e passa a ser *espect-ator*. Em alguns momentos, o Curinga pode entrar em cena como personagem da história que está sendo contada também (SANCTUM, 2012). Uma abordagem mais ampla será dada ainda neste texto.

Tal Centro existe até hoje em pleno funcionamento na Lapa, desenvolvendo oficinas, espetáculos, cursos e congressos não só no Rio de Janeiro, mas em intercâmbio com diversos núcleos de TO pelo mundo.⁴

Diálogos e Reflexões

Um dos principais motivos que levaram à escolha do TO como possibilidade de intervenção pedagógica, foi a percepção do quanto os pensamentos de Augusto Boal se afinam com os de Paulo Freire e de outros(as) autores(as).

O ponto em comum que mais chama a atenção – tanto em Boal (1980 E 1998), quanto em Freire (1987), mas também presente de certo modo em: Moran, Maseto, Behrens (2000), Denise B. Braga (2013), dentre outros como Libâneo (2013), Morin (2011), Rubem Alves (1984) e Cortella (2013) – é o princípio de considerar o universo de conhecimentos trazidos pelo educando, em contraposição a uma educação tradicional, castradora e opressora.

Quando Behrens (2000) nos fala de um paradigma emergente, vai ao encontro de uma concepção de educação para humanização - assim como Paulo Freire e Augusto Boal – e mais, trata da necessidade de modificarmos nossa visão de mundo – retilínea e cartesiana – para uma visão holística, que englobe o ser humano de forma integral.

O novo paradigma de ciência sustentado pelo advento da física quântica tomou-se fato marcante no século XX, em especial nas últimas décadas, com o desmoronamento da proposição newtoniana-cartesiana. Neste momento histórico, a tradicional visão cartesiana, que acompanhou todas as áreas do conhecimento no século XIX e grande parte do século XX, não dá mais conta das exigências da comunidade científica e da formação acadêmica dos estudantes exigida na sociedade moderna. A proposição mecanicista e reducionista que levou à fragmentação – à divisão - é um procedimento advindo do pensamento newtoniano-cartesiano, que vem sendo superado pelo paradigma da sociedade do conhecimento que propõe a totalidade. (p. 68).

Visão esta que dialoga diretamente com o que nos traz Fritjof Capra (2006) – autor também citado por Behrens (1999)- quando faz um paralelo entre a física quântica (que por si só refutou várias teorias da física tradicional) e o pensamento oriental da antiguidade (yin e yang, I Ching, dentre outros conceitos e princípios milenares), mostrando que há conexão entre elementos que antes, eram vistos de forma isolada e que a visão sistêmica já praticada há séculos por monges e gurus no oriente tem fundamento concreto no modo de funcionamento do próprio Universo (CAPRA, 2006). Moran também demonstra pensar deste modo em relação à educação, quando diz que:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de

⁴ O Curinga Flávio Sanctum, por exemplo, retornou recentemente da Índia, onde foi realizar intercâmbio com o grupo de TO de lá. Provavelmente uma troca de experiências muito rica.

forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando. (2000, p.15)

Encontrar tais afinidades nos discursos e na escrita de cada autor ganha importância ainda maior, quando conseguimos transpor para nossa prática pedagógica, atitudes necessárias e coerentes com o compromisso enquanto educador progressista (FREIRE, 1987 e BEHRENS, 1999), convictos da possibilidade de modificar uma realidade, enquanto sujeitos históricos que somos. Segundo Paulo Freire: “O homem deve transformar a realidade para ser mais. (...) O homem se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história” (1979, p. 31).

Quando Edgar Morin (2011) diz que precisamos de uma educação para a compreensão diante deste mundo complexo em que vivemos, é possível também estabelecer diálogos produtivos com Mário Sérgio Cortella (2013), Paulo Freire (1987) e em especial com Augusto Boal (1980), que tratam essencialmente da urgência dessa humanização. Novamente Moran (2000) parece traduzir em poucas palavras, todo este diálogo entre os pensadores que tanto contribuem com a educação:

Aprendemos realmente quando conseguimos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem. Processo permanente, porque nunca acaba. Paciente, porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante, porque aprendemos mais se temos uma atitude confiante, positiva, diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado de carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais. (p. 24)

Considerações Finais

Falar em afeto, compreensão, ternura, aparentemente, poderia não ter aproximação com as questões referentes à aprendizagem. Porém, cada vez mais, tanto pela fundamentação teórica nas palavras de Paulo Freire (1987), Rubem Alves (1984), quanto dos outros autores e autoras citados(as), acrescentando a isso a própria prática diária junto aos educandos, fica mais claro não só que é possível, mas também necessário, construir coletivamente o ambiente que propicie campo vasto para a aprendizagem. Neste sentido o Teatro do Oprimido tem muito a contribuir. E perceber o quanto as preocupações de Boal se refletem (e se repetem) em outros(as) educadores(as), é reconfortante e pode ser um bom sinal de que este é um caminho belo a ser trilhado.

Frente às possibilidades apresentadas por todos os(as) autores(as) aqui citados(as), relacionando com a obra e pensamento de Augusto Boal e considerando o retorno obtido no decorrer da prática pedagógica, acredito ser possível continuarmos insistindo numa educação para a humanização, para a libertação do ser humano. Como disse Paulo Freire: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (2011, p.14).

Não há dúvidas de que, mais do que indagar se é possível ou não pensar numa educação para a humanização do ser através do uso do TO (sim, é possível), é perceber o quanto crescemos no decorrer de toda essa aprendizagem. Iniciamos o trabalho acreditando que estaríamos contribuindo com a formação dos educandos (e é verdade: podemos contribuir), e quando menos nos damos conta, parafraseando Paulo Freire (1987), aprendemos enquanto ensinamos e ensinamos enquanto aprendemos, dialeticamente e com uma satisfação imensa em participar ludicamente de todo este processo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Conversas Com Quem Gosta de Ensinar**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1984.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Projetos de aprendizagem colaborativa Num paradigma emergente**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica* - Campinas, SP: Papirus. 2000.
- _____. **A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente**. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v80, n196, p.383-403, set/dez 1999.
- BOAL, Augusto. **Hamlet e o Filho do Padeiro: memórias imaginadas**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2014.
- _____. **Jogos Para Atores e Não-Atores**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1998.
- _____. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**, Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1980.
- BRAGA, Denise. **Ambientes Digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo, Cortez, 2013. (p39 a 79)
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Não Espere Pelo Epitáfio: provocações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1987.
- _____. **Educação e Mudança**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1979.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- LIGIÉRO, Zeca. **Ser e Não Ser, O Artista e o Espectador: Questões da Arte, Pedagogia e Política de Augusto Boal**. In: LIGIÉRO, Zeca; TURLE, Licko e ANDRADE, Clara de (org). *Augusto Boal: Arte, Pedagogia e Política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica** - Campinas, SP: Papirus. 2000.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011
- SANCTUM, Flavio. **A Estética de Boal: odisseia pelos sentidos**. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2012.

TURLE, Licko. **O Centro do Teatro do Oprimido no Brasil: Primeiros Passos**. In: LIGIÉRO, Zeca; TURLE, Licko e ANDRADE, Clara de (org). Augusto Boal: Arte, Pedagogia e Política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

Vídeo

Augusto Boal: <https://www.youtube.com/watch?v=c-LE9kXutRw>